



Revista Organizações & Sociedade

2023, 30(106), 489-508

© Autor(es) 2023

DOI 10.1590/1984-92302023v30n0017PT

eISSN 1984-9230 | ISSN 1413-585X

www.revistaoes.ufba.br

NPGA, Escola de Administração

Universidade Federal da Bahia

Editora Associada:

Josiane Silva de Oliveira

Recebido: 06/08/2022

Aceito: 20/12/2023

Desconstruindo o Dilema Glaser-Strauss: Uma Discussão Integrativa da Grounded Theory em Administração

Maria Carolina Conejero 1^a

Maria Laura Ferranty MacLennan 2^a

^a Centro Universitário FEI, São Bernardo do Campo, Brasil

Resumo

A *Grounded Theory*, desenvolvida na década de 1960 pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss, foi definida como metodologia ou estilo de pesquisa. Novos caminhos investigativos têm emergido com aplicações da *Grounded Theory* (ou Teoria Fundamentada em Dados). O objetivo deste estudo é mostrar que o antagonismo de Glaser e Strauss pode ser examinado numa perspectiva de complementaridade conceitual, fazendo emergir desta abordagem integrativa uma metodologia altamente estruturada e de caráter eminentemente flexível. A *Grounded Theory* possui como objetivo desenvolver teorias, fundamentando-se em dados empíricos, sistematicamente coletados e analisados. Com o passar do tempo, a abordagem clássica mostrou-se demasiadamente subjetiva para atender às demandas de pesquisas empíricas em administração. Por essa razão, diversos autores defendem as ideias de Strauss e Corbin (1990). Este estudo, de natureza ensaística, propõe e examina um *framework* de abordagem integrativa da *Grounded Theory*. Busca-se enfatizar as qualidades complementares propostas pelos autores, tratadas como não excludentes, mesmo enviadas ao estilo positivista de Strauss e Corbin (1998) e ao estilo interpretativista de Glaser e Strauss (1967), sem infringir o princípio elementar da abordagem clássica de que a teoria emerge ao longo da pesquisa. A aplicação desta metodologia pode tornar-se uma opção promissora para o desenvolvimento científico, revelando potencialidades que proporcionem ao pesquisador flexibilidade e liberdade para criar. Nesse contexto, os pressupostos ontológicos e metodológicos são escolhas do pesquisador, que pode mesclar métodos de pesquisa (*mixed-methodology*) e propor o uso combinado e sequencial de técnicas quantitativas e qualitativas no processo de criação de teorias substantivas.

Palavras-chave: abordagem integrativa; estilo positivista; estilo interpretativista; teoria fundamentada em dados.

Introdução

Novos caminhos investigativos, poderão emergir com aplicações da metodologia de pesquisa *Grounded Theory*, possibilitando avanços para as pesquisas científicas em administração. (Uhlmann & Erdmann, 2014) Essa metodologia é adequada no estudo de questões relacionadas ao ser humano por conta do papel importante dos *stakeholders*. Para Sithambaram, Nasir e Ahmad (2021), a *Grounded Theory* pode contribuir quando os pesquisadores procuram uma teoria baseada em dados (Parry, 1998) ou quando estudam fenômenos reais no campo.

A *Grounded Theory* foi desenvolvida na década de 1960, pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss, podendo ser definida como uma estratégia (Wells, 1995), uma metodologia (Strauss & Corbin, 1998) ou um estilo de pesquisa (Locke, 2001). A obra *The Discovery of Grounded Theory* (Glaser & Strauss, 1967) marcou a origem da *Grounded Theory*, numa abordagem clássica, sendo que naquela época os seus criadores tinham ideias consensuais sobre as características da metodologia sem delinear seus processos de pesquisa. Com o passar dos anos, Glaser e Strauss manifestaram um antagonismo de pensamentos quanto aos processos de pesquisa, permitindo surgir uma nova abordagem da *Grounded Theory* (Strauss & Corbin, 1998).

Ao longo dos anos da década de 1990, os poucos estudos existentes sobre aplicações da *Grounded Theory* na área de administração revelaram incompreensões ou inconsistências metodológicas dos seus processos de pesquisa, justificadas de maneira limitada pelas divergentes concepções conceituais dos seus criadores (Bandeira-De-Mello & Cunha, 2006; Uhlmann & Erdmann, 2014). Medeiros et al. (2019) indicam tendência de declínio da aplicação do método na área. É possível observar que a desvalorização da coexistência de pensamentos dos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss está evidente praticamente em todos os estudos sobre *Grounded Theory* na área de administração. A *Grounded Theory* é uma metodologia de pesquisa pouco utilizada nos estudos da área de administração, sendo mais frequentemente aplicada às áreas de Sociologia, Psicologia e Enfermagem.

O objetivo deste estudo é mostrar que o antagonismo aparente das ideias de Glaser e Strauss, apesar de sustentar algumas incompreensões sobre os processos de pesquisa da *Grounded Theory*, poderia ser destacado num contexto de complementaridade de concepções conceituais, fazendo emergir uma abordagem integrativa que valorize essa metodologia de pesquisa altamente estruturada (Strauss & Corbin, 1998) e de caráter eminentemente flexível (Glaser, 2004). Para tal, mostram-se os diferentes caminhos teóricos da *Grounded Theory*, apresenta-se o dilema Glaser-Strauss, introduz-se o processo de pesquisa em uma abordagem integrativa, seus critérios de qualidade (validade e confiabilidade) e, por fim, uma visão multiparadigmática da *Integrative Grounded Theory*. Este ensaio tem como propósito contribuir para o pesquisador da área de administração, que busca utilizar a *Grounded Theory* no avanço do conhecimento científico, evidenciando as alternativas incorporadas no *continuum* dos paradigmas e possibilitando a escolha sobre as opções disponíveis de acordo com seu estilo de pesquisa.

Os diferentes caminhos da *Grounded Theory*

A *Grounded Theory* é uma metodologia de pesquisa que possibilita a criação de teoria fundamentada em dados empíricos, sistematicamente coletados e analisados. (Strauss & Corbin, 1998; Goulding, 2001) Sob a abordagem clássica, Glaser e Strauss (1967, p. 32-33) afirmaram existir as teorias formais e as teorias substantivas, sendo que as teorias formais representam as “grandes” teorias, conceituais e abrangentes, enquanto as teorias substantivas explicam fenômenos específicos, simples e acessíveis. Desta forma, ambos defendiam que a *Grounded Theory* deveria ser utilizada em pesquisas científicas para gerar teorias em áreas substantivas. Glaser e Strauss (1967) criticaram as teorias existentes naquela época na área de Sociologia, por serem demasiadamente abstratas e quase sempre desenvolvidas para não serem testadas. Frente ao paradigma dominante dos métodos hipotético-dedutivos, os autores motivaram-se a oferecer um método científico por pensamento indutivo, revelando uma inovadora estratégia de desenvolvimento de teorias substantivas a partir de dados empíricos (Wells, 1995; Uhlmann & Erdmann, 2014).

Especificamente para os estudos da área de administração, Bandeira-de-Mello e Cunha (2006) acreditam que essa metodologia de pesquisa poderia ser amplamente utilizada em pesquisas científicas devido ao estudo das inter-relações entre sujeitos para compreender fenômenos sociais e/ou organizacionais. Apesar de o seu escopo ser restrito à geração de uma teoria para determinado grupo ou situação em particular, não havendo, portanto, a possibilidade de generalização além da área substantiva, a probabilidade de geração de teorias substantivas se dá justamente quando as teorias existentes se tornam insuficientes para explicar um fenômeno específico de uma pesquisa empírica. A Figura 1 mostra, em ordem cronológica, as diferentes adaptações teóricas da *Grounded Theory*, revelando o dilema Glaser-Strauss (que perdurou até 2008) e possibilitando o surgimento de novas abordagens teóricas a partir da *Quantitative Grounded Theory*:

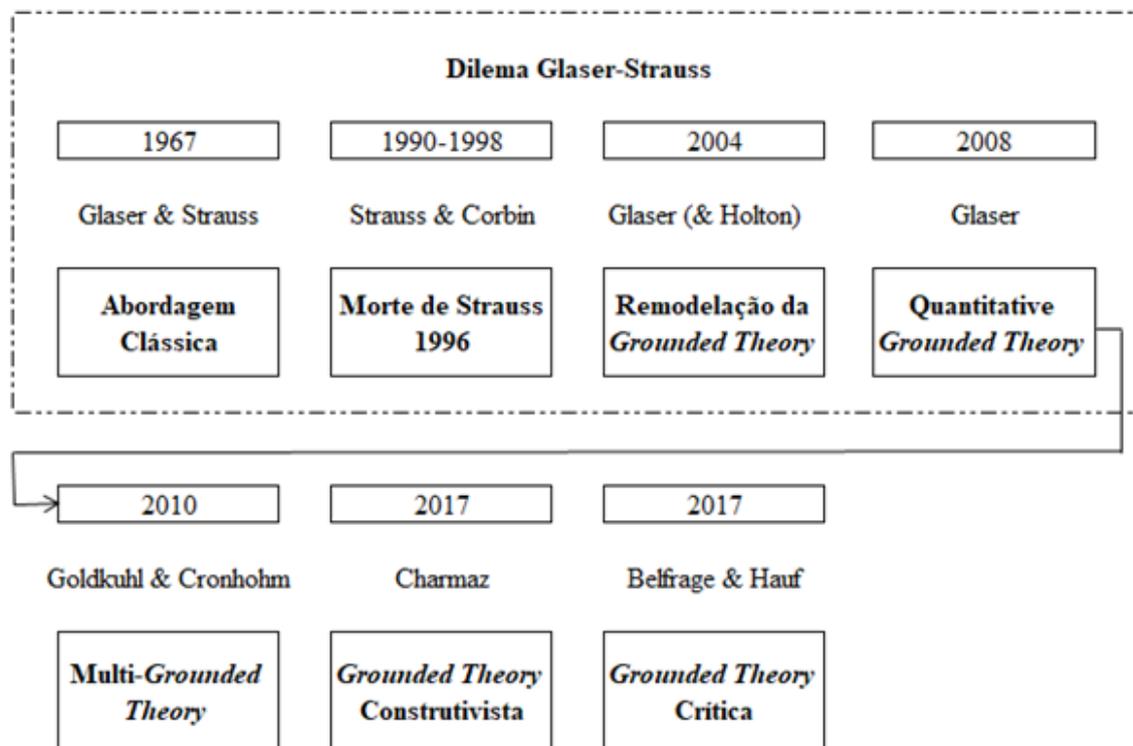


Figura 1. Evolução cronológica da *Grounded Theory*

Fonte: dados da pesquisa.

Com o passar do tempo, a abordagem clássica da *Grounded Theory* se mostrou demasiadamente subjetiva para atender às demandas de aplicação das pesquisas empíricas na área de administração. Por essa razão, Bandeira-de-Mello (2008) e Hopfer e Maciel-Lima (2008) defenderam as ideias de Strauss e Corbin (1990) sobre as adaptações nos processos de pesquisa da *Grounded Theory*, tornando-os mais objetivos para auxiliar um pesquisador na formulação do seu protocolo de pesquisa. Layder (1998) e Hopfer e Maciel-Lima (2008) revelam estudos de aplicação da *Grounded Theory* adaptada a outros métodos de pesquisa ou associada à utilização de parte das etapas previstas por Glaser e Strauss (1967). Portanto, além de fazer emergir as teorias substantivas e de servir como metodologia de análise de dados, a *Grounded Theory* é utilizada na área de administração para “adaptar” ou “fazer avançar” teorias existentes (*adaptive theory*), permitindo gerar as teorias adaptativo-substantivas.

A *Multi-Grounded Theory* (Goldkuhl & Cronhohm, 2010) se baseia não somente em dados, como em bases teóricas, empíricas e externas, indo além da abordagem indutiva pura ao adicionar o uso explícito de teorias externas. Importa considerar o contexto de análise ao incluir elementos como objetos em contexto de pesquisa, objetos culturais e outras situações derivadas da ação humana (Ássimos & Pinto, 2022).

Charmaz (2017) sugere na *Grounded Theory* Construtivista maior flexibilidade no processo de codificação de dados, de forma que o pesquisador tenha a possibilidade de criar categorias durante o processo e de revisar a literatura após a análise de dados sem prejudicar o processo criativo do pesquisador. Belfrage e Hauf (2017) sugerem, na *Grounded Theory* Crítica, uma

realidade aberta, fluida e moldada pela forma como as pessoas constroem o significado durante o processo de pesquisa. Por fim, Timonem Foley e Conlon (2018) fundamentam a *Grounded Theory* Crítica dentro de uma perspectiva humana e nas estruturas, relações sociais e processos que permitem a conformidade de eventos e resultados científicos ao combinar indução, dedução e abdução com o objetivo de obter clareza conceitual sobre fenômenos estudados.

A abordagem integrativa da *Grounded Theory* sugere processos de pesquisa complementares de acordo com os autores seminais, não excludentes, enviesados aos estilos positivista (Strauss & Corbin, 1998) e interpretativista (Glaser & Strauss, 1967), sem infringir o princípio elementar da abordagem clássica de que a teoria emerge ao longo do processo de pesquisa e mais precisamente mediante a habilidade de campo e a interpretação analítica do pesquisador (Glaser & Strauss, 1967).

Compreendendo o dilema Glaser-Strauss

A *Grounded Theory* se revelou como uma metodologia de pesquisa polêmica desde o seu surgimento, em 1967. Ela representou um desafio na época ao paradigma quantitativo advindo das ciências naturais que estudava objetos e chegava a conclusões universais. (Fernandes & Maia, 2001) O paradigma qualitativo evoluiu num cenário de dúvidas, mostrando a iniciativa de alguns cientistas sociais para mudança de foco relacionada aos objetos de estudo, que passaram a ser analisados pelas ações e comportamentos gerados na mente humana (Collins & Hussey, 2005). Ainda assim, o pressuposto qualitativo revelou métodos de estudo questionáveis, principalmente nos requisitos que envolviam o processo de pesquisa, a não universalidade dos resultados e o caráter subjetivo na fase de análise de dados (Bianchi & Ikeda, 2008).

Glaser e Strauss (1967) assumiram pressupostos importantes no desenvolvimento da *Grounded Theory*: o pesquisador deveria interagir com a realidade de maneira contínua e intrínseca para fazer emergir uma teoria substantiva ao longo do processo de pesquisa (Fernandes & Maia, 2001) e a teoria substantiva evoluiria durante o processo de pesquisa, sendo o resultado de uma contínua interpolação e análise de dados. (Goulding, 1999) Além disso, ambos conviveram com um marcante antagonismo de ideias sobre os processos de pesquisa da *Grounded Theory*, nomeado neste estudo como o dilema de Glaser-Strauss.

Glaser tinha uma posição radical de que o pesquisador deveria ir a campo sem um embasamento teórico e uma questão de pesquisa predefinida. Nesse caso, o processo de pesquisa para a geração de uma teoria substantiva se revelaria uma opção extremamente subjetiva (Uhlmann & Erdmann, 2014). Essa postura inflexível de Glaser evidentemente se contradiz com o princípio de flexibilidade da metodologia de pesquisa *Grounded Theory*. No entanto, Strauss tinha uma postura mais flexível que Glaser, acreditando que a *Grounded Theory* poderia ser adaptada a um caráter mais prescritivo. Isso ao revelar que o conhecimento prévio teórico e a questão de pesquisa predefinida se tornariam indispensáveis para o pesquisador ir a campo com um protocolo de pesquisa. Neste caso, o processo de pesquisa para a geração de uma teoria substantiva se revelaria uma opção mais objetiva (Uhlmann & Erdmann, 2014). A tabela 1 mostra uma comparação da metodologia de pesquisa *Grounded Theory*, destacando a lógica do dilema Glaser-Strauss.

Tabela 1
Comparação da *Grounded Theory*

Etapa	Glaser e Strauss (1967)	Strauss e Corbin (1990)
Problema de pesquisa	Ir a campo sem uma questão de pesquisa predefinida, sem reflexão teórica.	Ir a campo com uma questão de pesquisa predefinida, após reflexão teórica.
Formalidade na estrutura de dados de codificação	Método analítico geral sem estruturação teórica.	Método analítico com etapas estruturadas.
Operacionalização	De característica mais subjetiva, pode ser difícil de operacionalizar.	De característica mais objetiva, pode ser mais fácil de operacionalizar.
Verificação e teste	Gera conceitos para formulação teórica ou conjunto de hipóteses conceituais. O teste é deixado para elaboração de outros pesquisadores, em pesquisa futura.	Gera uma teoria derivada indutivamente, encarregando-se de verificações e testes constantes para validar os conceitos.

Fonte: adaptado de Parker e Roffey (1997) e Bianchi e Ikeda (2008).

No contexto de aplicação da *Grounded Theory* nas ciências sociais e aplicadas, o pesquisador pode, de fato, enfrentar dificuldades no entendimento dos processos da metodologia de pesquisa. Em específico, as tensões entre as reivindicações se encontram ligadas ao status científico e à realidade empírica, e à atenção aos detalhes, contexto e significado (Bryant, 2000).

Vale ressaltar que a abordagem clássica de Glaser e Strauss (1967) foi criada como resposta à escassez na geração de teorias na área de Sociologia, e não como uma proposta de aplicação à administração (Locke, 2001). Por essa razão, provavelmente os criadores da *Grounded Theory*, inicialmente, não se preocuparam em delinear os seus processos de pesquisa e, com o passar do tempo, frente às dificuldades e a outras parcerias acadêmicas, seus estilos de fazer pesquisa se tornaram fontes evidentes de desavenças até mesmo em suas publicações científicas.

Glaser (1992) criticou a visão de Strauss e Corbin (1990), considerando-a um desrespeito ao princípio da “emersão” da teoria substantiva, uma vez que seus processos de pesquisa direcionam de maneira “forçada” o pesquisador para a fase de coleta e análise dos dados empíricos. Em defesa, Strauss e Corbin (1990) justificaram seus processos de trabalho como uma decorrência natural da dificuldade de utilização de uma metodologia excessivamente subjetiva, vivenciada principalmente por Strauss como pesquisador. Além disso, os mesmos autores difundiram a ideia de que a *Grounded Theory* poderia também ser aplicada para auxiliar pesquisadores a interpretar dados quantitativos, permitindo uma análise mais aprofundada nos seus estudos.

O dilema Glaser-Strauss se revela como um discurso filosófico, justamente por mostrar as preferências de cada autor por estilos não idênticos de conduzir uma pesquisa e que, indiscutivelmente, o objetivo central de gerar teoria fundamentada com base em dados empíricos é priorizado em ambas as vertentes. Ademais, Glaser introduziu o uso quantitativo da *Grounded Theory*, mostrando que de fato pode haver uma predileção pelos processos de pesquisa desenvolvidos por Strauss e Corbin (1998), provavelmente pela maior facilidade em justificar os procedimentos de um trabalho científico (Bianchi & Ikeda, 2008). Sendo assim, a publicação da obra *Doing Quantitative Grounded Theory* (Glaser, 2008) estabeleceu o fim do dilema Glaser-Strauss, abrindo novas possibilidades de discussão com diferentes lentes teóricas da *Grounded Theory* e sua aplicabilidade em outras áreas do conhecimento.

A aplicação da *Grounded Theory* na administração

A *Grounded Theory*, enquanto metodologia de pesquisa, não pode ser confundida com um processo de caráter inerentemente indutivo (Suddaby, 2006). Ou seja, pode também integrar uma lógica abdutiva de pesquisa que vai além da indução e/ou da dedução. O percurso a ser seguido para o surgimento das teorias substantivas e das teorias adaptativo-substantivas na administração envolve a fase de coleta de dados (indução) que dá vazão a um (ou mais) processo(s) de criação “imaginativa” (abdução) para se tornar um tipo de hipótese (dedução) que será verificada e/ou validada por um novo ciclo de coleta de dados primários (indução), até que ocorra a confirmação da saturação teórica para a emergência de uma teoria (Peirce, 1965; Pinto & Santos, 2012).

Strauss e Corbin (1998) apontam que tanto a indução quanto a dedução puras são estéreis, sendo que novas teorias resultam de uma combinação entre indução (ao longo do processo de pesquisa, referindo-se ao trabalho de induzir conceitos e propriedades dos dados primários), dedução (referindo-se ao esforço de propor hipóteses e/ou construir proposições sobre as relações entre os conceitos extraídos por indução pelo pesquisador), verificação e/ou validação (referindo-se ao processo de verificar se novos dados primários poderiam ser explicados pela teoria) (Pinto & Santos, 2012).

As etapas para a aplicação da metodologia de pesquisa *Grounded Theory* estão descritas na Tabela 2.

Tabela 2

Processo de pesquisa da *Grounded Theory*

Fase	Etapa	Abordagem integrativa
1ª	Sensibilização teórica	Pré-categorização conceitual: “imersão” numa estrutura teórico-analítica. Fase de introspeção do pesquisador.
2ª	Elementos do estudo e questão de pesquisa	O pesquisador predetermina os elementos do estudo e a questão de pesquisa, construindo um protocolo de pesquisa que deve induzir a flexibilidade de opções de coleta e análise de dados. O problema de pesquisa vai evoluindo e se (re)configurando ao longo do processo de pesquisa. Cabe ao pesquisador conduzir o processo de interpretação e compreensão do problema de pesquisa.
3ª	Coleta e análise de dados	Combinação de técnicas quantitativas e/ou qualitativas de pesquisa. Fase de processo indutivo-abdutivo: coletar e analisar dados (indução) para dar vazão a uma (ou mais) criação “imaginativa” (abdução).
4ª	Codificação aberta	Categorização conceitual: escolher as palavras-chave para gerar conceitos por desmembramento dos dados comparados, contínua e sucessivamente. É a primeira fase do processo de análise de dados, e se necessário o pesquisador pode voltar ao campo para a realização de novas coletas.
5ª	Codificação axial	Ideias centrais: reorganizar os conceitos da fase anterior, extraindo as categorias centrais. Se necessário, o pesquisador pode novamente voltar ao campo. Fase de processo dedutivo-indutivo: deduzir a codificação e buscar (ou não) a validação.
6ª	Codificação seletiva	Fase de abstração na qual ocorre a saturação teórica, sendo que nenhum dado adicional pode modificar o processo de categorização conceitual.
7ª	Verificação e/ou validação da teoria	“Emergência” da teoria substantiva ou da teoria adaptativo-substantiva baseada em categorias centrais, podendo ocorrer um processo de verificação e/ou validação por checagem de novos dados primários que poderiam ser explicados pela teoria.

Fonte: adaptado de Strauss e Corbin (1990); Gouging (2001; 2002); Bianchi e Ikeda (2008); Glaser (2008); Pinto e Santos (2012).

A proposta de apresentar um *framework* adaptado da metodologia de pesquisa *Grounded Theory*, nomeada neste estudo como *Integrative Grounded Theory*, tornou-se necessária para que o pesquisador compreenda todos os processos e as etapas de pesquisa de maneira categórica, conforme a Figura 2.

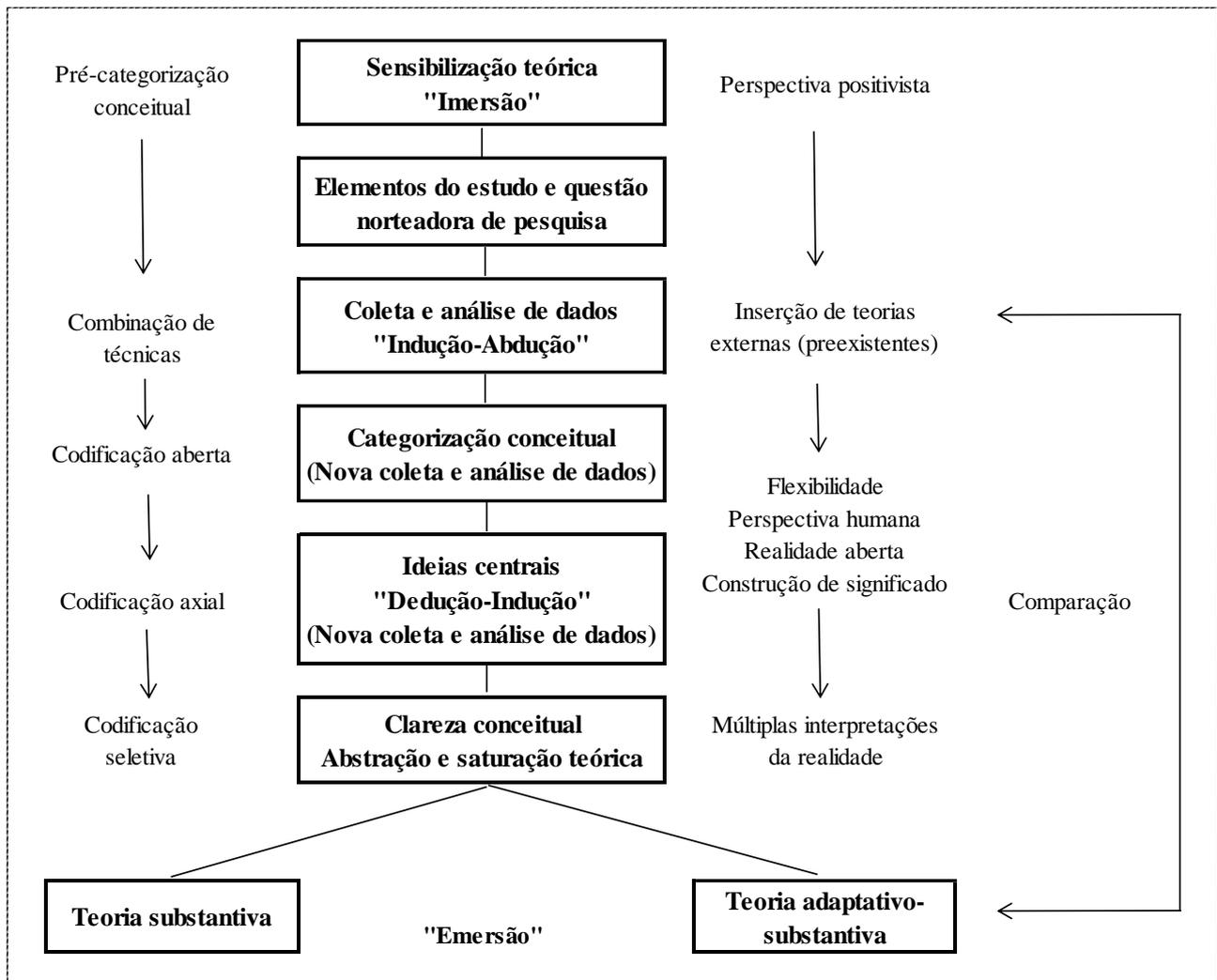


Figura 2. Framework da *Grounded Theory* em administração

Fonte: as autoras.

Considerando a Figura 2, na fase de pré-categorização conceitual o pesquisador inicia a imersão com sensibilização teórica, marcando uma perspectiva positivista e identificando previamente os elementos do estudo e a questão norteadora de pesquisa. Na fase de coleta e análise de dados (indução-abdução), o pesquisador poderá combinar técnicas e inserir novas teorias externas (preexistentes), possibilitando uma flexibilização no processo de codificação aberta (Kenny & Foirie, 2015; Charmaz, 2017), para redefinição de categorização conceitual (Birks & Hoare & Mills, 2019). Após sucessivas etapas de coleta e análise de dados é possível introduzir a etapa de codificação axial, desenhando ideias centrais (dedução-indução), quantas vezes forem

necessárias, até que haja clareza conceitual (Timonem & Foley & Conlon, 2018), em um processo de abstração e saturação teórica por meio de múltiplas interpretações da realidade (Charmaz, 2017; Rakhmawati, 2019). Neste momento, o desenvolvimento da pesquisa é marcado pela perspectiva humana de estruturas, relações sociais e processos que combinam métodos de indução-abdução-dedução-indução para a construção de significados dos fenômenos observados em campo (Belfrage & Hauf, 2017). As múltiplas interpretações da realidade (Charmaz, 2017; Rakhmawati, 2019) possibilitam a emergência de novas teorias substantivas ou teorias adaptativo-substantivas por meio da comparação e do uso explícito das teorias externas nas sucessivas etapas revisadas de coleta de dados (Goldkuhl & Cronholm, 2010).

Validade e confiabilidade da *Integrative Grounded Theory*

O *framework* da metodologia de pesquisa *Integrative Grounded Theory* poderá expandir novas possibilidades de desenvolvimento científico vindo ao encontro da demanda de objetividade dos estudos na área de administração. Sendo assim, torna-se fundamental que um pesquisador abandone a ideia de adotar critérios implícitos, passíveis de não serem compreendidos, passando a adotar processos de investigação explícitos como indicação de boas práticas que possibilitem a compreensão e a replicação do estudo e, principalmente, revelem credibilidade externa e legitimação para uma pesquisa científica (Clegg & Hardy, 1999).

A Tabela 3 apresenta as etapas para a elaboração de um protocolo de pesquisa para a aplicação da metodologia *Integrative Grounded Theory*.

Tabela 3
Etapas para elaboração de um protocolo de pesquisa

Etapas	Descrição
1 ^a	Título do projeto de pesquisa.
2 ^a	Nome, telefone, afiliação institucional, endereço de correspondência, link do currículo <i>Lattes</i> do pesquisador responsável e orientador de pesquisa.
3 ^a	Descrição do objetivo geral e dos objetivos específicos da pesquisa.
4 ^a	Justificativa da pesquisa com antecedentes científicos e dados históricos que expliquem a proposta de desenvolvimento científico.
5 ^a	Descrição dos procedimentos de coleta de dados: <ul style="list-style-type: none"> - Materiais e recursos que serão utilizados. - Procedimentos que serão adotados na fase de pré-coleta. - Detalhes sobre o envio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. - Definição de data, horário e local de realização da coleta. - Detalhes sobre a fase de preparação do pesquisador antes de ir a campo. - Detalhes sobre instrumentos e fontes de dados: entrevista, questionário, observação, teste de mensuração e outros.
6 ^a	Informações relativas ao(s) sujeito(s) da pesquisa: <ul style="list-style-type: none"> - Descrever as características da organização a ser pesquisada. - Descrever as características dos indivíduos a serem pesquisados, expondo as razões caso haja a participação de grupos vulneráveis (crianças, idosos, deficientes físicos ou mentais e outros). - Descrever os planos de recrutamento e seleção dos indivíduos a serem pesquisados e os procedimentos específicos a serem seguidos. - Fornecer os critérios de inclusão e/ou exclusão de sujeitos da pesquisa.
7 ^a	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE: Organização, indivíduos e representantes legais (no caso de haver a participação de grupos vulneráveis) devem manifestar anuência quanto à participação na pesquisa, garantia do direito de recusa à participação ou de saída em qualquer fase da pesquisa; publicação dos resultados da pesquisa e, quando necessário, garantia de sigilo que assegure a privacidade do(s) sujeito(s) envolvido(s) na pesquisa em relação à exposição de informações secretas e/ou confidenciais.
8 ^a	Apresentação dos roteiros completos dos instrumentos e das fontes de dados.
9 ^a	Descrição dos resultados esperados.
10 ^a	Cronograma da pesquisa.
11 ^a	Local de realização da pesquisa.
12 ^a	Orçamento detalhado da pesquisa, especificando os recursos-fontes e destinação, a forma e o valor da remuneração do pesquisador responsável e, quando necessário, outras informações relevantes.
13 ^a	Declaração de que os resultados da pesquisa serão publicados, sejam favoráveis ou não.

Fonte: adaptado de Barros (2016).

O conceito de objetividade em pesquisas científicas pode ser avaliado basicamente em termos de validade e confiabilidade. As concepções de validade em pesquisas qualitativas devem ser analisadas em três dimensões (Kirk & Miller, 1986): validade aparente (se o método de pesquisa produz uma informação desejada ou esperada), validade instrumental (combinação entre dados fornecidos por um método de pesquisa e dados gerados por um método alternativo aceito como válido) e validade teórica (legitimidade dos procedimentos de pesquisa em termos de referencial teórico estabelecido). Ollalik e Ziller (2012) trazem uma nova abordagem de validade em pesquisas qualitativas, baseada nos aspectos de validade prévia (fase de formulação da pesquisa), validade interna (fase de desenvolvimento da pesquisa) e validade externa (fase de resultados da pesquisa).

As concepções de confiabilidade em pesquisas qualitativas podem ser observadas nos aspectos de confiabilidade quixotesca (único método de observação que mantém uma medida contínua), confiabilidade diacrônica (estabilidade de uma observação ao longo do tempo) e confiabilidade sincrônica (similaridade de diferentes observações no mesmo período) (Kirk & Miller, 1986). No contexto das pesquisas quantitativas, as concepções de validade referem-se ao grau no qual um teste pode medir de fato o que se pretende de resultado, podendo ser analisadas nos aspectos de validade externa (escolha dos métodos que garantam grau de generalização e de representatividade dos resultados) e de validade interna (precisão de uso dos métodos escolhidos de modo a inferir relações causais entre variáveis) (Cooper & Schindler, 2003).

Além disso, as concepções de confiabilidade estão relacionadas à precisão e à relevância do procedimento de mensuração, sendo analisadas nos aspectos de estabilidade (segurança de que os resultados serão consistentes no caso de o mesmo pesquisador usar o mesmo instrumento de mensuração), equivalência (quando diferentes pesquisadores de um mesmo fenômeno o mensuram de forma equivalente) e consistência interna (homogeneidade entre os itens de um mesmo instrumento) (Cooper & Schindler, 2003). É fundamental compreender que a confiabilidade de uma pesquisa quantitativa é um pressuposto para a validade, em qualquer teste de mensuração, o que significa que testes com baixa confiabilidade se tornam automaticamente inválidos.

Considerando os conceitos de validade e confiabilidade em uma pesquisa científica, o estilo positivista não garante a validade total de pesquisa. A ideia de ir a campo com um protocolo de pesquisa (Strauss & Corbin, 1990) também não significa que o problema de pesquisa e a teoria tenham sido definidos *a priori*. Dentro desse contexto, um protocolo de pesquisa bem estruturado pode auxiliar basicamente na concepção da validade prévia, como proposto anteriormente na Tabela 3. E, para garantir as validades interna e externa, o pesquisador deverá mostrar suas competências criativas, assim como suas habilidades científicas para o desenvolvimento da pesquisa e a discussão dos seus resultados. Portanto, caberá ao pesquisador interpretar e extrair os conceitos centrais (ou constructos) que farão emergir uma teoria, independentemente se ele utilizou técnicas qualitativas e/ou quantitativas no processo de coleta e/ou análise dos dados.

Existem critérios de qualidade relevantes que permitem assegurar a validade e a confiabilidade em pesquisas qualitativas, a partir da aplicação da *Integrative Grounded Theory*, conforme a Tabela 4.

Tabela 4
Critérios de qualidade em pesquisas qualitativas

Critério	Validade	Confiabilidade
Triangulação (validação convergente tanto de métodos múltiplos quanto de multitratamento de dados no estudo de um fenômeno).	Sim	Sim
Reflexividade (antes e depois para gerar transformação no pesquisador, a fim de evitar vieses interpretativos).	Não	Sim
Clareza e transparência nos procedimentos (qualidade de documentação nos procedimentos de coleta e análise de dados).	Não	Sim
Construção do <i>corpus</i> de pesquisa (equivalente funcional da amostra representativa para saturação de dados).	Sim	Sim
Descrição com riqueza de detalhes (análise objetiva dos fatos sociais e/ou organizacionais, permitindo que as descobertas subjetivas sejam transferíveis).	Sim	Sim
Elemento surpresa (descoberta de evidências inspiradoras e de novas formas de pensamento sobre um determinado tema).	Sim	Não
<i>Feedback</i> (validação comunicativa dos participantes com obtenção de concordância e/ou consentimento).	Sim	Sim
Auditoria (documentação constante no andamento da pesquisa, a fim de facilitar o trabalho de outros pesquisadores no resgate dos resultados encontrados, com a criação de roteiros com questões-chave do processo de pesquisa para a verificação e/ou validação da teoria substantiva ou teoria adaptativo-substantiva).	Sim	Sim

Fonte: adaptado de Paiva Jr. *et al.* (2007).

Para ilustrar os conceitos de validade e confiabilidade em pesquisas quantitativas, Alreck e Settle (1995) adotaram uma metáfora de um conjunto de dardos atirados em um alvo central. Analisando o diagrama de Confiabilidade versus Validade, representado pela Figura 3, a seguir, percebe-se no primeiro quadrante que o indivíduo acerta sempre em torno do mesmo ponto (alta confiabilidade), mantendo os arremessos com precisão (concentrados), porém não acerta o alvo central (baixa validade). Nesse cenário existem precisão e relevância no procedimento de mensuração do teste e incoerência com a proposta de realidade verificada, justificando o deslocamento dos resultados em relação ao objetivo de pesquisa (alvo central). Além disso, no terceiro quadrante o indivíduo não acerta sempre em torno do mesmo ponto (baixa confiabilidade) nem acerta o alvo central (baixa validade). É importante que um pesquisador, ao definir os instrumentos de mensuração da população e/ou da amostra, se preocupe com a existência de fatores externos que possam exercer influências nas variáveis de estudo e que, tendenciosamente, podem ocasionar desvios nos resultados.

No quarto quadrante da Figura 3, apresenta-se cenário em que o indivíduo não acerta sempre em torno do mesmo ponto (baixa confiabilidade), apesar de posicionar os arremessos em uma área central (alta validade). Esse cenário mostra que não existem precisão e relevância no procedimento de mensuração do teste, apesar de haver coerência com a proposta de realidade verificada.

Por fim, no segundo quadrante o indivíduo acerta sempre em torno do mesmo ponto (alta confiabilidade), também acertando o alvo central (alta validade), revelando um cenário ideal no qual existem precisão e relevância no procedimento de mensuração do teste e coerência com a proposta de realidade verificada.

O diagrama de Confiabilidade versus Validade é apresentado na Figura 3.

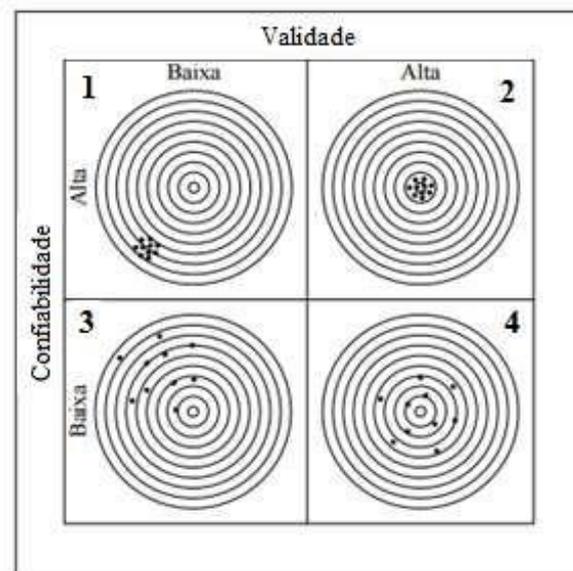


Figura 3. Diagrama de Confiabilidade versus Validade

Fonte: adaptado de Alreck e Settle (1995).

A validade de uma pesquisa científica a partir da aplicação da metodologia de pesquisa *Grounded Theory* diz respeito à confiança sobre as decisões de formulação (elaboração de um protocolo de pesquisa), desenvolvimento (coleta, tratamento e análise de dados empíricos com a utilização de técnicas qualitativas e/ou quantitativas) e resultados de pesquisa (extração de conceitos centrais para emergência de teoria), assim como a necessidade o pesquisador explicar de que forma compreende a realidade do fenômeno social e/ou organizacional investigado, revelando com detalhes a definição dos constructos para a emergência de uma teoria. Para Ikeda (2009), a validade traz uma verdade interpretada de forma equivalente à capacidade de um relatório documental representar o fenômeno social e/ou organizacional investigado. No que diz respeito à confiabilidade, deve-se avaliar as questões de regularidade, relevância e precisão no processo de execução da pesquisa científica, além da consistência em se avaliar um fenômeno social e/ou organizacional no mesmo ou em diferentes contextos de realidade por outro pesquisador (Gaskell & Bauer, 2002).

Por fim, enquanto o paradigma tradicional quantitativo vincula a confiabilidade (*reliability*) na suposição de replicabilidade de um estudo, pelo mesmo ou por outro pesquisador (MacLennan & Avrichir, 2012), a abordagem qualitativa vincula a confiabilidade (*dependability*) na necessidade de um pesquisador explicar minuciosamente todos os passos de um processo de pesquisa. Para Flick (2009), a confiabilidade será tanto melhor quanto mais documentado for o processo de pesquisa.

Conclusões

A *Grounded Theory* tem sido pouco utilizada em estudos sobre contextos organizacionais, sendo que a ausência de um *mainstream* de aplicação na área de administração pode trazer riscos aos pesquisadores que se “aventuram” em novos caminhos científicos. Vale ressaltar que essa metodologia favorece algumas condições de dificuldade na fase de interpretação de dados para a extração de conceitos centrais que expliquem de maneira objetiva um fenômeno social e/ou organizacional. Para isso, entende-se que o pesquisador deve estar preparado para um trabalho de campo intensivo, de longa duração, de natureza complexa e conflitante (Bryant, 2002).

O eixo do trabalho de interpretação de dados empíricos pode ainda trazer inúmeras dúvidas ao pesquisador, revelando seu papel crítico e desafiante ao longo de todo o processo de pesquisa, uma vez que deverá interagir de forma intensa com a realidade dos sujeitos para fornecer uma explicação plausível ao fenômeno social e/ou organizacional, sem forçar ou distorcer a leitura da realidade. De fato, tais habilidades técnico-científicas podem ser adquiridas somente com a maturidade e a experiência do pesquisador. Nesse sentido, este estudo contribui ao apontar as semelhanças e distinções entre as duas vertentes seminais da *Grounded Theory*. O autor que se propuser a utilizar a metodologia deve estar atento às bases ontológicas e processuais da linha de ação da *Grounded Theory* escolhida. Adicionalmente, o texto apresenta alguns desdobramentos do método que podem apresentar formas alternativas em sua utilização.

Vale ressaltar que a proposta de aplicação da metodologia de pesquisa *Integrative Grounded Theory* tem como objetivo o desenvolvimento de uma teoria a partir de dados empíricos. Se o pesquisador, por algum motivo, não conseguir extrair conceitos centrais na fase de categorização axial, seu esforço em todo o processo de pesquisa poderá não gerar os resultados esperados para a emergência da teoria ou, ainda, se tentar forçar essa emergência poderá sofrer questionamentos sobre a sua postura ética (Bianchi & Ikeda, 2008).

A discussão da metodologia de pesquisa *Integrative Grounded Theory* em administração propõe minimizar algumas críticas recorrentes em relação à aplicação da *Grounded Theory*, especialmente no tocante à ida do pesquisador a campo de forma vazia, sem sensibilização teórica para a estruturação de um protocolo de pesquisa. Essa aplicação pode tornar-se uma opção promissora no campo do desenvolvimento científico, revelando potencialidades no sentido de proporcionar maior flexibilidade e liberdade de criação ao pesquisador. Os pressupostos ontológicos e metodológicos são deixados à opção de escolha do pesquisador, que inclusive pode mesclar métodos de pesquisa para coleta e/ou análise de dados (*mixed-methodology*), propondo o uso combinado e sequencial de técnicas quantitativas e qualitativas (ou vice-versa). Desta forma, essa metodologia pode revelar-se como uma opção robusta para gerar teorias substantivas e/ou teorias adaptativo-substantivas em administração. Espera-se que futuros estudos possam surgir com a aplicação do *framework* da *Integrative Grounded Theory*, mostrando um novo caminho científico para a emergência de teorias que possam incorporar soluções criativas e inovadoras ao mundo organizacional.

Referências

- Alreck, P. L., & Settle, R. B. (1995). *The survey research handbook*. Irwin.
- Ássimos, B. M., & Pinto, M. R. (2022) Situational analysis: relevant advances in Grounded Theory for management studies. *Organizações & Sociedade Journal*, 29(102), p. 514-536.
- Bandeira-De-Mello, R. (2008). Grounded Theory. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, v. 48, n. 4, out./dez.
- Bandeira-De-Mello, R., & Cunha, C. J. C. A. (2006). Grounded Theory. In: Godoi, C. K.; Bandeira-De-Mello, R.; Silva, A. B. (Organizadores). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Editora Saraiva.
- Barros, T. F. (2016) Modelo de protocolo para pesquisa em marketing baseado no protocolo utilizado nas ciências da saúde. Unpublished manuscript.
- Belfrage, C., & Hauf, F. (2017) The gentle art of retroduction: critical realism, cultural political economy and critical Grounded Theory. *Organization Studies*, 38(2), p. 251-271.
- Bianchi, E. M. P. G., & Ikeda, A. A. (2008). Uso e aplicações da Grounded Theory em Administração. *Gestão Org. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, v. 6, n. 2, p. 231-248.
- Birks, M., Hoare, K., & Mills, J. (2019). Grounded Theory: the FAQs. *International Journal of Qualitative Methods*. <https://doi.org/10.1177/1609406919882535>
- Bryant, A. (2002). Re-grounding grounded theory. *Journal of Information Technology Theory and Application*, 4(1), p. 25-42.
- Charmaz, K. (2017). Constructivist grounded theory. *The Journal of Positive Psychology*. 12(3), p. 299-300. <https://doi.org/10.1080/17439760.2016.1262612>.
- Clegg, S. R., Hardy, C., & Nord, W. R. (2003). *Handbook of Organization Studies*.
- Collins, J., & Hussey, R. (2005) *Pesquisa em Administração*. São Paulo: Bookman.
- Cooper, D. R., & Schindler, P. S. (2003). *Métodos de pesquisa em Administração*. 7 ed. Porto Alegre: Bookman.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3 ed. Porto Alegre: Artimed.
- Creswell, J. W. (2013). *Qualitative inquiry & research design: choosing among five approaches*. 3rd ed. Thousand Oak, California: Sage Publication.
- Damke, E. J., Walter, S. A., & Silva, E. D. (2010). A Administração é uma ciência? Reflexões epistemológicas acerca de sua cientificidade. *Revista Ciências da Administração*, 12 (28), p. 127-146.
- Demo, P. (2011). *Praticar ciência: metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Saraiva.
- Fernandes, E., & Maia, A. (2001). *Métodos e técnicas de avaliação: contribuições para a prática e investigação psicológicas*. Braga: Universidade do Minho.
- Flick, U. (2009). *An introduction to qualitative research*. 4th ed. London: Sage Publications.

- Gaskell, G., & Bauer, M.W. (2002). Para uma prestação de contas públicas: além da amostra, da fidedignidade e da validade. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes.
- Glaser, B., & Strauss, A. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine Transaction.
- Glaser, B. (1992). *Basics of grounded theory analysis*. Mill Valley, CA: Sociologia Press.
- Glaser, B. (2004). Discussão com auxílio de Judith Holton. *Remodelação Grounded Theory*. *Forum Qualitative Sozialforschung / Fórum: Qualitativa Pesquisa Social*, v. 5 (2).
- Glaser, B. (2008). *Doing quantitative Grounded Theory*. Mill Valley, CA: Sociology Press.
- Goldkuhl, G., & Cronholm, S. (2010). Adding theoretical grounding to Grounded Theory: toward multi-Grounded Theory. *International Journal of Qualitative Methods*, p. 187–205. <https://doi.org/10.1177/160940691000900205>.
- Gonsalves, E. P. (2007) *Iniciação à pesquisa científica*. 4 ed. – revisada e atualizada. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Goulding, C. (1999). Consumer research, interpretative paradigms and methodological ambiguities. *European Journal of Marketing*, v. 33, n. 9/10, p. 859-873.
- Goulding, C. (2001). Grounded Theory: a magical formula or a potential nightmare. *The Marketing Review*, v. 2, n. 1, p. 21-34.
- Goulding, C. (2002). *Grounded Theory: a practical guide for management, business and market researchers*. Londres: Sage Publications.
- Harding, S. (1998) *Is science multicultural? Postcolonialisms, feminisms and epistemologies*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press.
- Hopfer, K. R., & Maciel-Lima, S.M. (2008). Grounded Theory: avaliação crítica do método nos estudos organizacionais. *Revista da FAE, Curitiba*, v. 11, n. 2, p. 15-24, jul./dez.
- Ikeda, A. A. (2009) Reflections on qualitative research in business. *Revista de Gestão da USP*, 16(3), p. 49-64.
- Kenny, M., & Fourie, R. (2015). Contrasting classic, Straussian, and constructivist grounded theory: methodological and philosophical conflicts. *The Qualitative Report*, 20(8), p. 1.270-1.289.
- Kirk, J., & Miller, M. L. (1986). *Reliability and validity in qualitative research*. Beverly Hills, CA: Sage Publications.
- Layder, D. (1998). *Sociological practice: linking theory and social research*. London: Sage Publications.
- Locke, K. (2001). *Grounded Theory in management research*. London: Sage.
- Maclennan, M. L. F., & Avrichir, I. (2012). A prática da replicação em pesquisas do tipo survey em administração de empresas. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 13(4), p. 39-61.

- Medeiros, A. P., Santos, J. L. G. D., & Erdmann, R. H. (2019). A teoria fundamentada nos dados na pesquisa em administração: evidências e reflexões. *Revista de Ciências da Administração*, 21(54), p. 95-110.
- Morgan, G., & Smircich, L. (1980). The case of qualitative research. *Academy of Management Review*, v. 5, n. 4, p. 491-500.
- Ollaik, L. G., & Ziller, H. M. (2012). Concepções de validade em pesquisas qualitativas. São Paulo: *Educação e Pesquisa*. v. 38, n. 1, p. 229-241.
- Paiva JR., F. G., Leão, A. L. M. S., & Mello, S. C. B. (2007) Validade e Confiabilidade na Pesquisa Qualitativa em Administração. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE. 1. Recife. Anais do ENEPQ: Recife.
- Parker, L. D., & Roffey, B. H. (1997). Back to the drawing board: revisiting grounded theory and the everyday account's and manager's reality. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, v. 10, n. 2, p. 212-247.
- Parry, K. W. (1998). Grounded theory and social process: a new direction for leadership research. *The leadership quarterly*. 9(1), p 85-105.
- Peirce, C. S. (1965). *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Pinto, M. R., & Santos, L. L. S. (2012). A Grounded Theory como abordagem metodológica: relatos de uma experiência de campo. *Salvador: Organização & Sociedade (O&S)*, v. 19, n. 62, p. 417-436, jul./set.
- Rakhmawati, W. (2019). Understanding Classic, Straussian, and constructivist grounded theory approaches. *Belitung Nursing Journal*, 5(3), p. 111-115.
- Sithambaram, J., Nasir, M. H. N. B. M., & Ahmad, R. (2021) Issues and challenges impacting the successful management of agile-hybrid projects: a grounded theory approach. *International Journal of Project Management*, 39(5), p. 474-495.
- Strauss, A., Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. London: Sage Publication.
- Strauss, A., Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing Grounded Theory*. 2nd Thousand Oaks: Sage Publications.
- Suddaby, R. (2006). What grounded theory is not. *Academy of Management Journal*, v. 49, n. 4, p. 633-642.
- Thompson, J. D. (1956). On building an administrative science. *Administrative Science Quarterly*, v. 1, n. 1, p. 102-111.
- Timonen, V., Foley, G., & Conlon, C. (2018). Challenges when using grounded theory: a pragmatic introduction to doing GT research. *International Journal of Qualitative Methods*, 17(1), 1609406918758086.
- Uhlmann, V. O., Erdmann, R. H. (2014). Usos e aplicações da Grounded Theory em Administração. In: SIMPOI, 2014, São Paulo. Anais do SIMPOI, São Paulo, SP, Brasil.

Wells, K. (1995). The strategy of grounded theory: possibilities and problems. *Social Work Research*. v. 19, n. 1.

Whitley, R. (1977). The sociology of scientific work and the history of scientific developments. *Perspectives in the Sociology of Science*, 21-50.

Financiamento

As autoras não receberam apoio financeiro para a pesquisa, autoria ou publicação deste artigo.

Autoria

Maria Carolina Conejero

Doutora em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Docente no Centro Universitário FEI nos cursos de Administração e Ciência da Computação. Coordenadora e docente do Projeto Jovem Inusitado na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) vinculado ao Núcleo de Inovação Pedagógica.

E-mail: mcconejero@fei.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7082-3545>

Maria Laura Ferranty MacLennan

Doutora em Ciências (Administração) pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Docente no Centro Universitário FEI nos cursos de Administração, Engenharias e Ciência da Computação.

E-mail: mferranty@fei.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5019-7492>

Conflito de interesses

Os autores informam que não há conflito de interesses.

Linguagem inclusiva

Os autores usam linguagem inclusiva que reconhece a diversidade, demonstra respeito por todas as pessoas, é sensível a diferenças e promove oportunidades iguais.

Contribuição dos autores

Primeiro/a autor/a: concepção (líder), curadoria de dados (líder), análise formal (igual), investigação (líder), metodologia (igual), validação (igual), visualização (líder), redação – rascunho original (líder), redação – revisão e edição (igual).

Segundo/a autor/a: concepção (apoio), curadoria de dados (apoio), análise formal (igual), investigação (apoio), metodologia (igual), validação (igual), visualização (apoio), redação – rascunho original (apoio), redação – revisão e edição (igual).

Verificação de plágio

A O&S submete todos os documentos aprovados para a publicação à verificação de plágio, mediante o uso de ferramenta específica.

Disponibilidade de dados

A O&S incentiva o compartilhamento de dados. Entretanto, por respeito a ditames éticos, não requer a divulgação de qualquer meio de identificação dos participantes de pesquisa, preservando plenamente sua privacidade. A prática do open data busca assegurar a transparência dos resultados da pesquisa, sem que seja revelada a identidade dos participantes da pesquisa.

A O&S é signatária do DORA (*The Declaration on Research Assessment*) e do COPE (*Committee on Publication Ethics*).



Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional